



## De *marrons* a *kreyòl*: a chegada dos porcos ao Caribe e a gênese do campesinato haitiano (1492-1804)

Rodrigo Charafeddine Bulamah<sup>1</sup>

*Mas, dirão vocês, se, para os galos, as coisas são simples,  
para os homens, elas são bem mais complicadas.  
Nem tanto.*

Aimé Césaire (2000 [1963], p. 14).



**Imagem 1** – Sem título, Charles Saül, ca. 1970. Óleo sobre tela.  
Coleção de Laura Wagner, gentilmente cedida ao autor.

<sup>1</sup> Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Unifesp.

“Destas ocho puerkas”, escreve Bartolomé de Las Casas (1957 [1559]) em sua célebre *Historia de las Indias*, “se han multiplicado todos los puerkos que hasta hoy ha habido y hay hoy en todas las Indias, que han sido y son infinitos” (vol. 1, p. 246, grifos meus). O comentário hiperbólico do conhecido frade dominicano relata um fato importante relacionado à segunda viagem de Colombo às Índias Ocidentais. Em 1493, o viajante florentino trouxe ao Caribe, entre outros animais, oito porcas. Como matrizes iniciais que povoaram, a partir dali, todo o continente, estas porcas deram origem, na visão de Las Casas, a todas as criações de porcos dos séculos seguintes. Com efeito, a chegada desses animais ao Caribe aconteceu de forma irregular e foi marcada por fugas, disputas por espaços com outros seres e pelo seu estabelecimento como populações ferais. “Criaturas do império” (Anderson, 2004), sua presença foi central para os primeiros momentos da Conquista, quando piratas, caçadores e comerciantes se instalavam nas diferentes ilhas e territórios da região a fim de explorar a carne e as peles desses animais que, outrora fugidos, aclimataram-se e acabaram, por ventura, mas sempre de maneira instável, se tornando animais de criação. Com o tempo e a consolidação da economia de plantation, os porcos exerceram um papel crucial no cotidiano de populações africanas escravizadas e de seus descendentes, participando de uma economia produtiva que se estabelecia às margens da plantation açucareira e que ia além das roças e terrenos de cultivo tão centrais para o que parte da historiografia da escravidão chamou de “brecha camponesa”.

A atenção aos porcos pode trazer pistas importantes para pensarmos, de um lado, a gênese das formas de vida camponesa no Caribe e seu caráter notadamente moderno e, de outro, a própria constituição do capitalismo enquanto sistema cultural (Mintz 1989; Sahlins 2007; Trouillot, 2003). De fato, o exemplo do campesinato haitiano foi central para formulações acadêmicas sobre a agência escrava e as diferentes visões sobre a liberdade em disputa (Cardoso, 1987; Chalhoub, 2011; Gomes, 2013). Contudo, é notável que ao tratar das possibilidades de ação e da criatividade de populações negras nas Américas e no Caribe, muitos autores enfatizaram sobremaneira a importância da terra e do cultivo na constituição dessas economias marginais, deixando para um segundo plano a caça, a domesticação e as práticas de criação. Neste texto, pretendo explorar exatamente o lugar desses animais na constituição de paisagens históricas no Caribe e, mais especificamente, nas formulações de liberdade (e humanidade) de populações escravizadas que viviam em intensa interação com esses animais.

Conforme argumenta Lauren Derby (2011), em um artigo recente, animais “permanecem invisíveis” em grande parte da literatura sobre paisagens e mudanças sociais

na América Latina, apesar da popularidade recente alcançada pela história ambiental. Como destaca a autora, “bringing the animals into the analysis might move us closer to local understandings of the natural world and syncretism on the ground between European, indigenous and creole views and practices, enabling new ways of thinking about environmental change” (p. 603; ver também Few & Tortorici, 2013). A meio caminho entre uma história ambiental do Caribe e uma história social dos porcos, este capítulo pretende discutir o deslocamento continental dessas populações animais e seu papel na constituição de um espaço de autonomia, de produção e de humanidade que foi crucial para a formação do campesinato haitiano.

## Sobre origens, caças e criações

O fascínio contemporâneo pela velocidade, pela densidade e pelo impacto dos fluxos globais e nossa atenção excessiva ao presente talvez nos façam esquecer que a propagação mundial de animais, plantas, fungos e vírus ocorreu muito antes do que se convencionou chamar de “globalização”. Como nota Sidney Mintz (2001, p. 33),

A difusão do milho, da batata, do tomate e da pimenta-do-reino, da mandioca e do pimentão, do amendoim e da castanha, tanto no Novo quanto no Velho Mundo, não precisaram de transporte aéreo, de cientistas de aventais brancos, do McDonald’s, nem da engenharia genética – nem tampouco de propaganda, e muito menos de antropólogos – e começou a acontecer há quinhentos anos.

Esse grande intercâmbio a que se refere o antropólogo, denominado “troca colombiana” por Alfred Crosby (1972)” foi o que trouxe as primeiras espécies de porcos à ilha de Espanhola, local do primeiro povoado colonial europeu no Novo Mundo, durante a expansão europeia e a posterior Conquista, constituindo as fases iniciais do que Trouillot (2003) chamou de “momento atlântico”, definido como o primeiro momento da globalidade, no qual se desenvolveu uma “contínua centralidade do Atlântico como a porta giratória de grandes fluxos globais ao longo de quatro séculos” (p. 29).



**Imagem 2** – Ilustração da chegada dos espanhóis e de outras “criaturas do império”, detalhe da presença de porcos no canto inferior esquerdo.

Fonte: *História general de las cosas de la Nueva España* (ou *Códice Florentino*) de Bernardino de Sahagún, 1577, vol. 3, carta 406r, reproduzido do exemplar virtual da Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.

No período das navegações europeias às Índias, embarcações carregavam parte da alimentação dos tripulantes que, entre um porto e outro, passavam longos períodos em alto-mar. Com o surgimento dos primeiros núcleos de povoamento europeu no Caribe e nas Américas, animais vindos do velho continente eram utilizados como formas de proteção, no caso dos cães, ou formaram as primeiras criações, como os porcos, servindo assim ao intuito de europeização das paisagens transformando-as em algo cada vez mais familiar aos colonizadores (Alves, 2011; Crosby, 1986; Johnson, 2012). Os animais

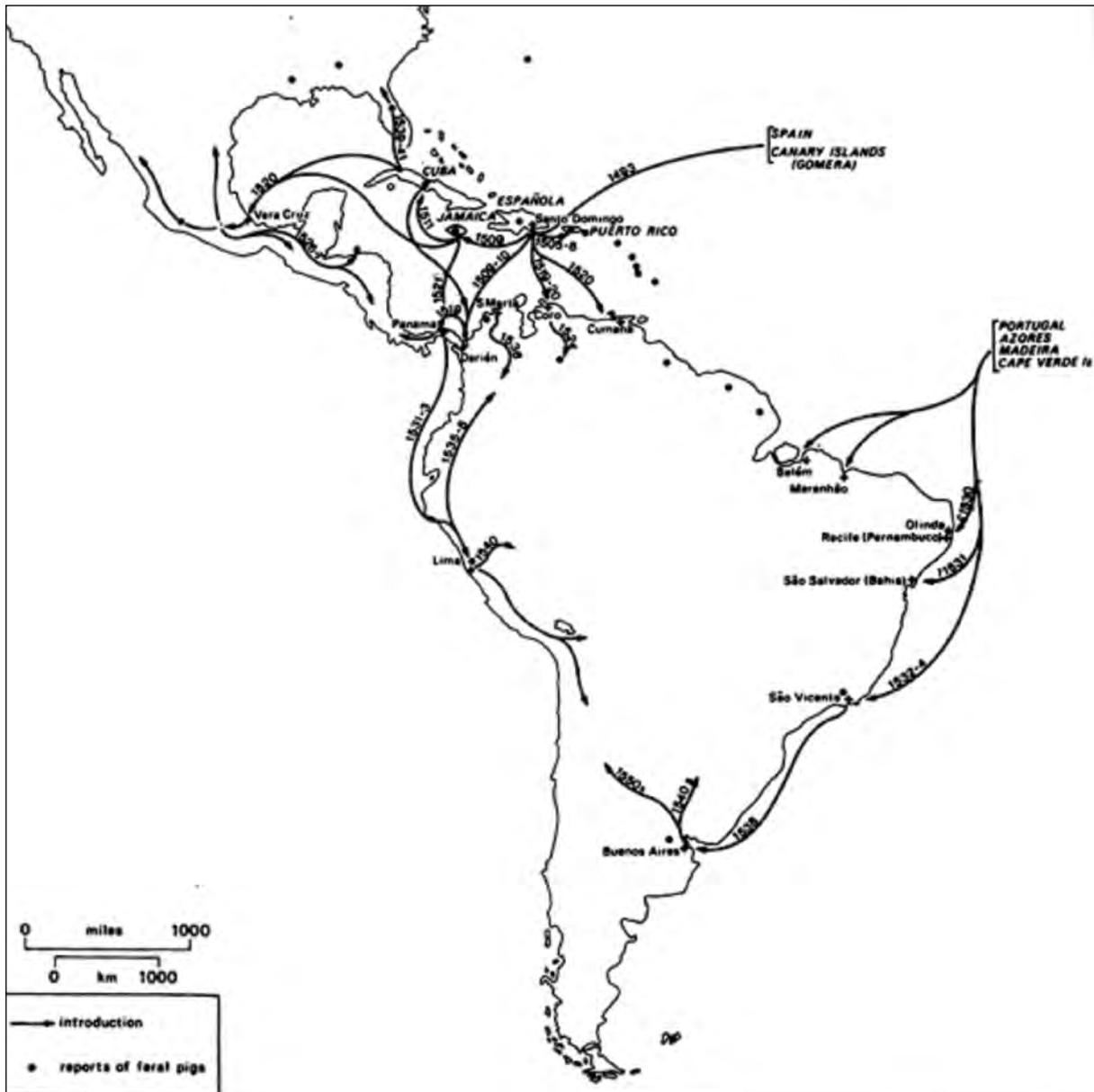
nativos, por sua vez, causavam fascínio e foram objeto de descrições detalhadas contribuindo à construção de uma visão edênica do Novo Mundo. Ao lado de tais esforços contemplativos, a caça e a criação eram paradigmas cruciais nessas interações. Segundo a historiadora Marcy Norton (2014), como numa extensão de práticas comuns à Europa, a fauna nativa do Caribe e das Américas, durante os princípios da expansão espanhola, foi encarada segundo dois prismas: o da caça, atividade nobre e elitizada, e o da criação, atividade relegada aos plebeus. A adoção, prática ameríndia correntemente descrita por viajantes e agentes coloniais, era, portanto, um enigma. Como afirma a autora, ressoando uma literatura já conhecida no Brasil, “a adoção ameríndia correspondia às formas de vida social e de conflito intergrupais tal como a caça e a criação europeias o eram com relação ao governo e à guerra” (p. 22).

Para as longas viagens marítimas rumo ao Novo Mundo, os porcos eram animais ideais, pois constituíam importantes fontes de carne e gordura e eram onívoros, não exigindo uma alimentação especial. Ademais, mesmo submetidos a intensas formas de confinamento, desconforto e sofrimento, conseguiam sobreviver a grandes travessias (Donkin, 1985). Como observa o abade Guillaume-Thomas Raynal (1770, grafia original), no final do século XVIII,

L'Amérique, au tems de la découverte, n'avoit ni porcs, ni moutons, ni bœufs, ni chevaux, ni même aucun animal domestique. Colomb porta quelque-uns de ces animaux utiles à Saint-Domingue, d'où ils se répandirent partout, et plutôt qu'ailleurs au Mexique. Ils s'y font prodigieusement multipliés. On compte par milliers les bêtes à cornes, dont les peaux sont devenues l'objet d'une exportation considérable. Les chevaux ont dégénéré, mais on compense la qualité par le nombre. Le lard de cochons y tient lieu de beurre (p. 53, grafia do original)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Pode-se consultar também a descrição feita por Louis-Élie Moreau de Saint-Méry (1958 [1796], tomo 1, pp. 67-78) sobre os rebanhos (*hattes*) e os diferentes animais, particularmente, as complexas classificações feitas pelos espanhóis segundo seu comportamento. O trabalho mais completo sobre a difusão dos porcos no Caribe e nas Américas, que traz ainda uma atenção especial aos pekaris e a outros animais nativos, é o de Donkin (1985, pp. 41-47).



**Imagem 3** – Porcos (*Sus scrofa domestica*) no Novo Mundo.

Fonte: Donkin (1985, p. 40).

De fato, como comenta Bartolomé de Las Casas, Cristóvão Colombo, em 1493, ao parar no porto de La Gomera, nas Ilhas Canárias, aportou, junto a outros animais, oito porcas. Possivelmente observando os animais de perto na própria ilha de Espanhola, onde começou a escrever suas *Historia de las Indias*, Las Casas nota que os primeiros espécimes trazidos por Colombo viriam formar as primeiras criações do Caribe se multiplicando de tal modo a garantir a existência de “todos los puercos que hasta hoy ha habido y hay hoy en todas las Indias, que han sido y son infinitos” (Las Casas, 1957 [1559], vol. 1, p. 246).

Em São Domingos, denominação francesa para a ilha, essa abundância de que fala o frade ou a “multiplicação prodigiosa”, conforme Raynal, ocorreu, em grande parte, entre os séculos XVI e XVII quando a ilha inteira era colônia espanhola e rebanhos de animais como porcos, cabras, bois e cavalos, além de cachorros, abandonados ou fugidos, tornaram-se ferais. *Marrons* ou *cimarróns* – termos de origem Arawak (Tardieu, 2006) – ou ainda *montarazes* (do espanhol *montes*), como os classificavam os cronistas da época, esses animais se multiplicaram, sobretudo, em razão de interações propícias com as novas paisagens. A geografia montanhosa do interior da ilha, imprópria à economia de plantation, somada à falta de predadores naturais e à vegetação densa, tiveram um peso notável nessa expansão<sup>3</sup>.

Como em outras colônias espanholas do Caribe, a ocupação da ilha de Espanha passou de uma concentração das atividades em torno das minas de ouro – empregando trabalho de nativos Arawaks, de europeus sob contrato e de africanos escravizados – para um ciclo localizado de produção de açúcar, que durou até princípios do século XVII (Mintz, 2003a). A efetiva passagem a uma economia de plantation só viria a acontecer tardiamente nos domínios espanhóis, diferentemente do que se desenhava nos outros territórios coloniais do Caribe e das Américas. Como nota no historiador Juan Giusti-Cordero (2009, p. 66):

A relatively coherent Caribbean ensemble took shape with the English, French, Dutch, and Danish islands' plantation territories developing densely populated colonies, largely peopled by African slaves, while interacting with the wilder, larger expanses of the Spanish islands; and indeed sometimes taking over, or attempting to take over, those wilder areas as well.

Mais importante do que o açúcar era exatamente a exploração de produtos de origem animal, seja de rebanhos ou daqueles oriundos da caça, além da pesca de pérolas, da produção de gengibre, de tabaco e da extração de madeiras e de sal para a produção do arenque salgado do Mar Báltico. Apesar das ocupações esparsas, o Caribe era, com efeito, alvo de uma constante atenção da Coroa espanhola devido ao imenso fluxo de riquezas oriundo das produções locais e das demandas por *commodities* europeias e por africanos escravizados (Giusti-Cordero, 2009).

---

<sup>3</sup> Opto aqui pela tradução de *marron* ou *cimarrón* como “feral” ao invés de “selvagem” em razão do primeiro termo enfatizar exatamente a passagem de uma condição de domesticidade à outra de selvageria. Ainda sobre a *marronage* em São Domingos, ver o trabalho de Jean Fouchard (1988).

Variações, disputas e brechas nos processos de ocupação e subsequente intensificação da produção, somadas a doenças diversas e a uma pluralidade de animais e outros seres, nativos, africanos e europeus, garantiram o desenvolvimento de uma paisagem crioula diversa que, apesar da preponderância econômica e social da plantation e da monocultura, abriu espaço para a produção de um mundo completamente novo. Nesse ponto, a ordem agroindustrial da plantation caribenha e, poderíamos acrescentar, americana em geral, ia muito além do esforço de controle e alienação generalizada que define algumas leituras clássicas e contemporâneas sobre a plantation. Anna Tsing (2015), por exemplo, utiliza a plantation açucareira que marcou o Brasil colônia como exemplo prototípico que ilustra sua definição de *escalabilidade*: um projeto que encontrava espaço para se reproduzir em diferentes escalas exatamente por seu isolamento, pois dependia de “poucas relações interespecies” e “era comparativamente autocontida [e] avessa aos encontros” (p. 39). Mais do que isso, continua a autora destacando comparativamente o lugar dos africanos escravizados neste projeto: “sem relações sociais locais e, por isso, sem rotas estabelecidas de fuga”, “[c]omo a própria cana-de-açúcar, que não tinha histórias partilhadas com espécies companheiras ou relações com enfermidades no Novo Mundo, [as pessoas escravizadas] estavam isoladas” (idem). Contudo, havia possibilidades de vida ou mundos nas margens da plantation que, como veremos, orientou-se a partir do que Tadeusz Lepkowski (1970, p. 58-60) chamou de “brecha camponesa”, entendida como uma experiência social distinta da sujeição à ordem escravocrata.

De fato, em todo o Caribe, entre os séculos XVII e XVIII, riquezas diversas e a própria caça a esses animais ferais atraíram a presença de piratas, contrabandistas, comerciantes e aventureiros. Havia grande ambiguidade na prática de roubo e contrabando, sempre ocupando uma posição dúbia entre a legalidade e a ilegalidade, e o *rescate* (como eram denominadas essas atividades) tornou-se algo rentável a ponto de orientar trocas, circulações, conflitos e guerras na região (Andrews, 1978). Conhecidos como *bucaneiros*, em razão da prática de defumação das carnes de caça (*boucan*, em francês) ou *flibusteiros* (possivelmente derivado de “barcos leves”, *vrijbuiten*, em holandês), piratas e comerciantes ocupavam por longos períodos ilhas e regiões específicas do arquipélago, como a Ilha da Tartaruga (*Île de la Tortue*), na costa noroeste de São Domingos<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Sobre a Ilha da Tartaruga, ver o trabalho de Peña Batlle (1988 [1951]). Manuel Arturo Peña Batlle era um ilustre nacionalista, advogado, historiador e diplomata dominicano, tendo sido um dos ideólogos da modernização da fronteira entre o Haiti e a República Dominicana. Abdicou do cargo quando Rafael Leónidas Trujillo chegou ao poder, em 1930, mas retomou sua função em 1942 para consolidar o processo que ficou conhecido localmente como “dominicanización de la frontera”. Foi posteriormente diplomata

O romance histórico de Jules Lecomte (1837), *L'Île de la Tortue: roman maritime*, ilustra bem esse momento, trazendo descrições de costumes de caça, casamentos homoafetivos e trocas entre piratas, corsários e grupos de comerciantes que, à época, podiam ou não estar vinculados aos grandes impérios. Comparando-os com os colonos (*habitans*), o autor assim destaca (pp. 18-20, grifos meus):

Les *Habitants* furent ceux dont l'aptitude parut plus propre aux constructions et aux plantations; les gens de mœurs et d'humeur paisibles. Les *Boucanniers* se déclarèrent chasseurs; la poursuite des bœufs et des sangliers dans les bois de Saint-Domingue, la préparation des cuirs et des viandes salées qui constituaient leurs occupations journalières, offrirent plus tard à la société les premiers éléments de ses échanges et de son commerce. (...) Enfin les *Flibustiers* ou Corsaires, formèrent la troisième classe des Aventuriers, en multipliant leurs courses contre les bâtiments Espagnols.

A caça aos bois e porcos ferais e o comércio de seu couro e de sua carne constituíram assim as atividades centrais de piratas e aventureiros. Se esses e outros animais foram cruciais à expansão inicial dos europeus nas ilhas do Caribe e no continente americano, sendo um exemplo daquilo que a historiadora Alida Metcalf (2005) chamou de “intermediários bio-físicos” (*physical go-betweens*), a posterior fuga, adaptação e reprodução de espécies europeias propiciou a ocupação e a formação de núcleos de povoamento e de postos de comércio em diversas partes da região. Além disso, a presença desses animais motivou também o próprio assentamento de bucaneiros e corsários, que passaram a criar animais para a venda de carnes e para o uso em transportes e máquinas à tração, tornando-se eles mesmos grupos sedentários (Oexmelin, 1930, cap. 5). Foi exatamente a constituição de povoados na parte ocidental da ilha de São Domingos, sobretudo por grupos de franceses, que motivou a cessão da porção oeste à Coroa francesa em 1697, pelo tratado de Ryswick. Todavia, entre as duas colônias, manteve-se intensa a circulação de comerciantes, animais e riquezas, além de conflitos pontuais.

Particularmente ao longo da costa norte de São Domingos, nota um viajante no final do século XIX, “[o]s bosques são o asilo de porcos ferais [*cochons marons*]”. É o célebre

---

em Porto-Príncipe, em um acordo entre o presidente Dumarsais Estimé e Trujillo, no qual o intelectual Jean Price-Mars foi nomeado para a mesma função em Santo Domingo (Vega, 2010, p. 487). Parte de seu acervo pessoal está na biblioteca do Museu Fernando Peña Defilló, na capital dominicana, dedicado ao importante pintor dominicano, filho de Peña Batlle. Ali estão expostos ainda dois exemplares das pedras esculpidas utilizadas na demarcação da fronteira.

jurista, natural da Martinica, Louis-Élie Moreau de Saint-Méry quem faz esta observação, acrescentando uma descrição sobre a geografia do norte da ilha e a sua ocupação (Moreau de St-Méry 1958 [1796], tomo 1, p. 175)<sup>5</sup>. À exceção de vilarejos como Monte-Cristi, Puerto-Plata e Samaná, “a porção Norte da parte espanhola é quase inabitada” (p. 207). “Contudo”, continua o cronista, “todos os terrenos próximos ao mar são concedidos [pela Coroa], não em pequenos lotes, (...) mas em grandes porções. Em alguma medida é para a pesca que tais concessões são solicitadas, *mas mais ainda para a caça ao porco feral*” (idem, grifos meus). As interações entre caçadores, cães, porcos e plantas chamam a atenção de Moreau de St-Méry, que as descreve em detalhes (pp. 207-208, grifo no original)

O tempo dessa caçada é aquele no qual uma espécie de palmeira começa a dar grãos em cachos e pelos quais o animal nutre um gosto particular. Um espanhol, se está sozinho, vai armado de uma lança, uma *manchete* e de uma faca às partes do bosque onde estão as palmeiras, acompanhado de alguns cães, que, ao verem o porco feral se juntam à sua volta e começam a latir até que o caçador o mate com sua lança. A besta é aberta e esvaziada, dispensa-se a cabeça e os pés e o caçador se ocupa somente do corpo que ele corta em partes a fim de facilitar o transporte.

Quando os caçadores partiam coletivamente, continua o jurista (p. 208, grifo no original):

eles escolhem um lugar onde acreditam que a caça será abundante; e ali constroem uma pequena barraca ou *ajoupa*, coberta de trapos ou de folhas de palmeira e dispõem várias lanças com espetos para salgar e secar as metades dos porcos ferais ou para empilhá-las quando estão prontas. É muito comum que o transporte se faça pelo mar, ao menos quando se trata de uma caça considerável.

Essa dinâmica, individual ou coletiva, de caça, secagem e salgamento da carne, seu transporte e comércio, dominava a economia do norte da ilha de São Domingos. Diferente da pujante sociedade colonial que o cronista observara no lado ocidental, Moreau de St-Méry traz à vista a situação de penúria na porção espanhola da ilha. Ao observar o povoado de Cotuy, próximo às minas de ouro da província do Cibao, o autor afirma

---

<sup>5</sup> Sobre Moreau de St-Méry, ver Dubois (2004).

que a região, no começo do século XVIII, “não se encontrava em um estado de menor abandono e miséria, tal como a Parte Espanhola em geral” (p. 213). Os colonos pobres dessa região, “descendentes de proprietários europeus primitivos”, a maioria franceses, por possuírem um título ou ação de concessão eram conhecidos como “acionários” (*actionnaires*) e raramente eram contados nos recenseamentos coloniais.

A formação topográfica dessa porção da ilha tornava-a pouco adaptada à agricultura de larga escala, diferentemente da parte noroeste, como a Planície do Norte (*Plaine du Nord*), onde ficava o Cabo Francês, capital da colônia francesa. Restava aos moradores da região centro-nordeste a atenção ao rebanho, que deveria ser limitado em quantidade, e à caça ou *montería* (de *montes*), permitida em dias específicos.



**Imagem 4** – “Mapa da ilha de São Domingos confeccionada para a obra de M. L. E. Moreau de St Méry”, por L. Sonis e Vallance, 1796. Cabo Francês destacado em amarelo e Cotuy, em vermelho.

Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France.

“É à educação de animais, sobretudo de porcos, que os habitantes de Cotuy se dedicam quase exclusivamente, e esses animais necessitam de cuidados intensos” (p. 214), destaca Moreau de St-Méry. Havia uma tensão constante entre doma e selvageria, pois mesmo com uma atenção dedicada à alimentação e ao cuidado, os porcos “atraídos aos bosques na esperança de encontrarem raízes, frutos e insetos (...) nem sempre retornam [à casa] pela noite, se alongando ao ponto de tornarem-se selvagens e, por vezes, em elevado número” (p. 215). Triste destino daquele que os cria, “constantemente traído em sua espera, limita-se a caçar aqueles que acreditava ter domesticado” (*idem*).

Tais instabilidade entre criação e caça formavam parte fundamental de uma economia baseada no aprovisionamento, que se associava, direta ou indiretamente, às zonas de plantation do Caribe, tanto por mar, em circuitos de troca entre as ilhas, quanto por terra, como no caso da ilha bipartida de São Domingos ou Espanhola. Tal disparidade foi, de fato, encarada por muitos historiadores como o indício de um atraso particularmente marcante nas colônias espanholas no Caribe. Não tendo seguido em direção ao “complexo da plantation”, de que fala Philip Curtin (1990) nem passando pela “revolução da plantation”, nos termos de Ira Berlin (1998), essas colônias, particularmente entre os séculos XVII e XVIII, parecem ter ficado à margem da história (ou da historiografia), como argumenta de modo convincente Juan Giusti-Cordero (2009)<sup>6</sup>. Entretanto, a atenção aos animais e às suas interações com humanos pode trazer um importante questionamento a essas conclusões excessivamente esquemáticas e por vezes pouco atentas às conexões transcoloniais e aos fluxos que ligavam diferentes espaços sem necessariamente passar pela metrópole. A importância econômica do Caribe espanhol, mesmo não tendo se orientado inicialmente à plantation, estimulava tentativas de ataque e invasão por parte de outras potências coloniais europeias. E tais iniciativas ocorreram não sem uma resposta por parte da Coroa hispânica.

Ao descrever os colonos franceses do norte de São Domingos, Moreau de Saint-Méry (1796, tomo 1) fala de uma “reprovação dos costumes grosseiros e do caráter pouco social” dos habitantes de Cotuy, no nordeste da ilha. “Talvez”, continua o jurista, “o hábito de uma vida cujos cuidados têm quase sempre animais como objeto, a faz adquirir certa rudeza que choca aqueles que não a compartilham” (p. 216). Mas pode ainda ser tal traço o resultado de uma história de disputas por territórios: “Talvez haja ainda uma precaução nesse julgamento, próprio aos franceses que ainda se lembram, um século depois, do massacre de seus compatriotas em Samaná” (idem). Moreau de St-Méry se refere aqui às *ravages* ou *devastaciones*: massacres de criações ou populações inteiras de animais com o objetivo de realocar ou expulsar os ocupantes da região em finais do século XVII (ver Moya Pons, 2007, pp. 40-43). O resultado, contudo, sempre se mostrou bastante insuficiente.

Essas mesmas ocupações foram se fixando a partir da produção de tabaco, que durou até finais do século XVII, quando, após a cessão definitiva da parte ocidental à França, em

---

<sup>6</sup> É consenso que a plantation encontra seu lugar no Caribe espanhol em um momento tardio se comparado às colônias britânicas, francesas e holandesas. No caso de Cuba, isso se dá somente no final do século XVIII; em Porto Rico, a partir de 1820 e, na República Dominicana, já não tendo relação direta com a escravidão atlântica, em princípios do século XX (Giusti-Cordero, 2009, p. 59-60).

1697, a produção de açúcar, antes esparsa, assumiu uma dimensão cada vez maior. A ilha de São Domingos foi se compondo, assim, a partir de um conjunto de interações sociais, materiais e ecológicas nas quais as criações serviam para suplementar o transporte e o trabalho mecânico na plantation e, junto à caça, forneciam carne e couro às colônias e, não raro, também às metrópoles<sup>7</sup>. Já em princípios do século XVIII, como declarou o governador de Cabo Francês, Monsieur de Charitte, “[Os espanhóis] sabem que, em relação a nossas plantações de açúcar, não podemos prescindir de seu gado, já que nossos rebanhos não estão suficientemente povoados para sacarmos deles o que temos necessidade...”<sup>8</sup>.



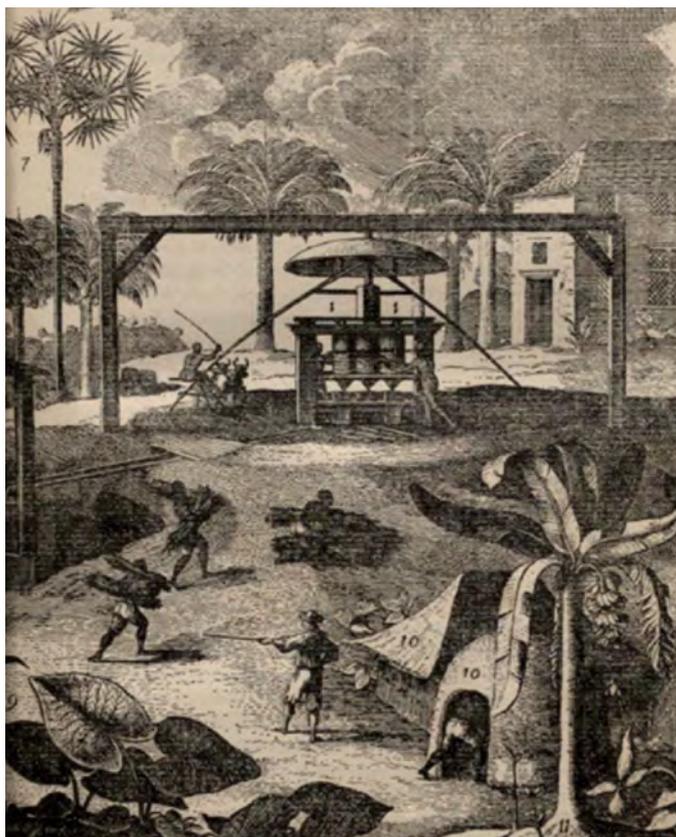
**Imagem 5** – “Mapa itinerário das duas rotas principais entre Cabo Francês à vila espanhola de Santo Domingo”, confeccionado por Daniel Lescalier, 1764.

Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France.

<sup>7</sup> Uma série de engajamentos microscópicos orientou, por sua vez, a própria montagem da plantation. Os fungos e a fermentação definiram, em parte, o tempo e a velocidade da produção do cana-de-açúcar, a estrutura dos moinhos e das caldeiras e a própria produção de álcool, crucial para o comércio atlântico mesmo antes da preponderância do açúcar. Sobre esse processo crucial na agroindústria da plantation, Mintz (2003b) observa: “A cana-de-açúcar deve ser colhida rapidamente, quando seu conteúdo de sacarose está ao nível máximo; ela deve ser moída assim que é cortada de maneira a não perder este açúcar; seu caldo deve ser esquentado rapidamente, preparado para a cristalização e batido – colocado nas formas exatamente no momento certo (...) *Estes traços técnicos, muitos dos quais estavam ligados a um cuidadoso controle do tempo, introduziram mais do que apenas uma aura de modernidade industrial em operações que antecederam, em muitos casos por séculos inteiros, a Revolução Industrial*” (p. 63, grifos meus).

<sup>8</sup> Citado em Moya Pons (1977, p. 233). Como nota o autor em outra obra (2007), “In 1702 the Spanish exports of livestock, horses, and hides to the French colony increased to 50,000 *escudos* annually. This trade defined the relationship between the two colonies for the next ninety years and helped foster the sugar revolution in Saint-Domingue in the eighteenth century” (p. 94).

Animais operavam particularmente na tração das moendas de cana-de-açúcar, no transporte, no preparo das terras para o cultivo e compunham a dieta de colonos franceses, de libertos e dos próprios escravizados. Nesse sentido, se os rebanhos eram fornecidos por criadores da parte oriental da ilha, o trabalho vinha de muito mais longe. Para suprir a crescente demanda europeia por açúcar e por outros produtos tropicais, como café e índigo, a sociedade colonial em formação tornava-se cada vez mais dependente do trabalho de africanos sujeitos à violência do tráfico e da escravidão.



**Imagem 6** – “Engenho de açúcar”, ilustração adicionada à edição francesa de Oexmelín (1930, p. 57). Destaque para a banana, abaixo no canto esquerdo, alimento importante para a sociedade colonial, aqui representada próxima à senzala (*cases de nègres*).

Porcos e outras espécies tiveram um peso central na produção dessa nova paisagem e influenciaram viajantes, piratas, colonos e africanos escravizados, motivando ocupações e disputas e interagindo de maneiras diversas com sociedade colonial e as divisões de classe e raça que passaram a constituir-la. Mas estas interações iam muito além do espaço da plantation. No final do século XVIII, o relato de um certo Crublrier de Saint-Cyran (1790), opondo-se às teses abolicionistas da recém-criada Sociedade dos

Amigos dos Negros de Paris (*Société des Amis des Noirs de Paris*), fala das casas e parcelas geridas por famílias escravas em São Domingos, cuja condição de trabalho era “geralmente menos dura do que a dos operários na França” (p. 4). Ademais, completa o viajante, “não há nenhum [escravo] que não possua uma casa e terras para si e para os seus, que não tenha frangos, porcos e outras propriedades, sempre cuidadosamente respeitados pelo senhor...” (p. 5)<sup>9</sup>.

Relatos de autoridades coloniais ou viajantes como este devem ser encarados com cautela. Além de terem sido produzidos em condições de extrema violência e repressão sobre populações negras escravizadas, tinham objetivos políticos específicos dentro do debate abolicionista que se constituía em diversas partes do Atlântico. Porém, é nas frestas dessas mesmas fontes históricas que podemos encontrar importantes observações, que, apesar de insuficientes, se lidas à contrapelo fornecem fragmentos das formas de sociabilidade, concepções e práticas cotidianas de grupos escravizados e subalternos<sup>10</sup>. A descrição rápida que de Saint-Cyran faz das casas e parcelas de usufruto de pessoas escravizadas em São Domingos confirma uma política geral nas colônias francesas e também britânicas de garantir porções de terra que serviriam à produção de alimentos para a subsistência e, por ventura, à própria troca em mercados regionais (cf. Tomich, 1993). Essa garantia de um espaço para o cultivo e para a criação de animais servia também ao sistema colonial como uma forma de evitar que escravizados, africanos ou nascidos no Caribe, “se tornassem *marrons*” (*partir marron*, lit. “se tornassem ferais”), vocábulo que, como vimos, é próprio ao léxico das interações entre humanos e animais nos primeiros anos da colônia. “Nada é mais adequado para reter [os escravizados] e impedi-los de escapar do que fornecer-lhes algo de onde possam tirar algum benefício, como aves, porcos, uma plantação de tabaco, algodão, ervas ou coisas do tipo”, afirma o reverendo dominicano Jean-Baptiste Labat (1724, tomo 2, p. 50), a partir da colônia francesa da Martinica, em princípios do século XVIII, acrescentando: “o confisco [dessas terras de cultivo e criação] é suficiente para impedir, talvez de maneira definitiva, que todos os negros de uma plantation [*habitation*] pratiquem parecida fuga” (*idem*)<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Sobre a *Société des Amis des Noirs* e o processo de abolição na França e em suas colônias, ver Trouillot (1995, pp. 81-101), Dubois (2004, p. 61-90), Sala-Molins (2008 [1992]) e Buck-Morss (2011).

<sup>10</sup> O debate historiográfico sobre escravidão atlântica, emancipação, domesticidade e noções concorrentes de liberdade é vastíssimo. Cito apenas alguns, entre os quais, Carneiro da Cunha (2014); Scott, Holt e Cooper (2000); Slenes (2011 [1990]), Chalhoub (2011 [1990]); e, com particular referência a São Domingos, Scott e Hébrard (2014).

<sup>11</sup> Moreau de St-Méry (1958 [1796], tomo 1) assim descreve tais terrenos para a parte espanhola de São Domingos: “appellée *Conacos*, nom qui équivaut à celui d’*habitation à vivres ou place à vivres* dans les îles

Dentro do ordenamento socioeconômico da plantation, essas terras, entendidas como “terrenos de provisão” (*habitation* ou *place à vivres*, em francês; *conacos*, em espanhol; e *provision grounds*, em inglês), possibilitaram o desenvolvimento de técnicas de trabalho, práticas agrícolas e formas de troca entre grupos escravizados e livres, orientando aquilo que Sidney Mintz (1985b) definiu como uma experiência de “proto-campesinato”, central para a ulterior formação dos “campesinatos reconstituídos” em todo o Caribe (Mintz, 1989 [1974]). Nas palavras do antropólogo (p. 236, grifos meus),

estate slaves commonly grew their own subsistence on plantation uplands, using lands judged unsuitable for the major plantation crops. It was on such lands that the slaves acquired or perfected their horticultural skill, developed their own standardized agricultural practices, learned the characteristics of Caribbean soils, mastered the cultivation of new crops, and otherwise prepared themselves for their *reconstitution as peasantries*.

Variações quanto ao tamanho da plantation, sua geografia e sua cultura principal (que determinavam a quantidade e a sazonalidade do trabalho) poderiam ainda conferir um maior ou menor grau de autonomia produtiva aos escravizados, como argumenta de modo convincente Michel-Rolph Trouillot (1993) para o caso das plantations de café em São Domingos<sup>12</sup>. Por isso, é exatamente nos arredores das planícies onde florescia o açúcar, nessa geografia montanhosa e marginal que compunha a paisagem vizinha à plantation, que tais técnicas e habilidades foram elaboradas durante o regime escravocrata, tanto entre os escravizados a quem era garantida a possibilidade de plantarem nesses terrenos íngremes, avessos à cana-de-açúcar, como nos quilombos que se formavam no interior das colônias<sup>13</sup>. O argumento de Mintz centra-se, sobretudo, nas práticas agrícolas, do trato da terra ao plantio e, a partir dali, ao processamento, armazenamento,

---

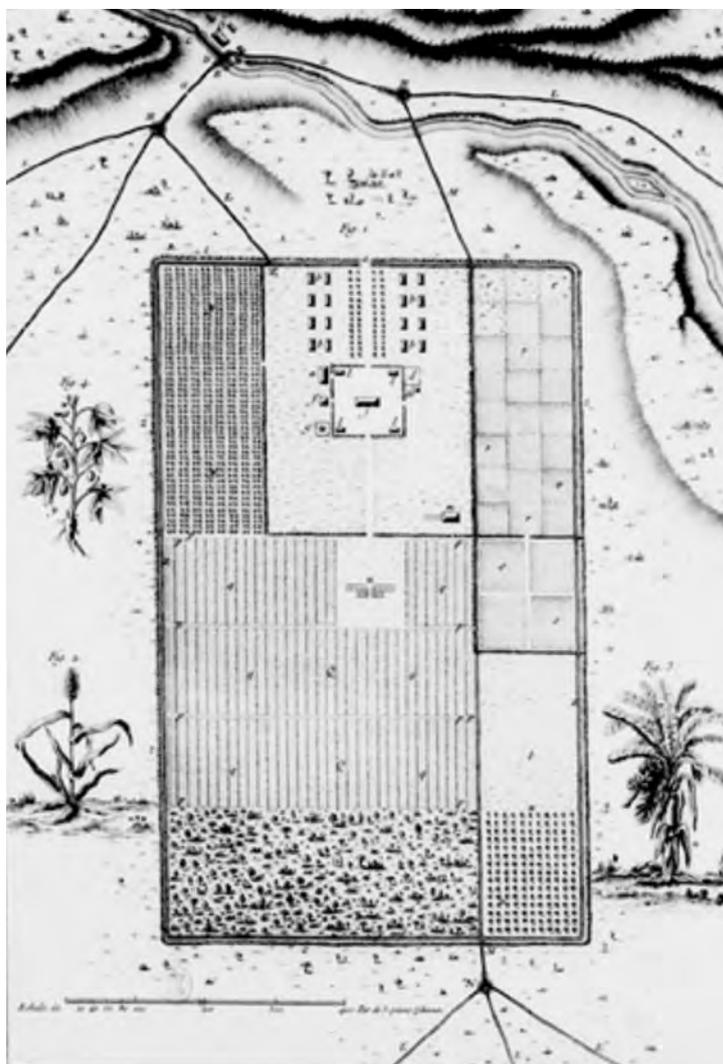
françaises; c'est le partage ordinaire de quelques colons peu fortunés, et *plus communément des hommes de couleur ou affranchis*» (p. 67, grifos meus).

<sup>12</sup> O que o autor chama de “revolução do café” esteve diretamente associado ao aumento da demanda pelo produto na Europa Ocidental na segunda metade do século XVIII, fato que foi acompanhado pela chegada de novos colonos franceses, a partir de 1763, com o restabelecimento das rotas comerciais entre a França e São Domingos, reduzidas em razão da Guerra dos Sete Anos, e pelo crescente número de libertos que estabeleceram suas pequenas plantações de café em terrenos elevados (Trouillot, 1990, pp. 36-37). Em 1789, São Domingos chegou a produzir 60 por cento de todo o café consumido no Ocidente (idem).

<sup>13</sup> Sobre comunidades quilombolas, ver o volume editado por Price (1979) e, mais recentemente, a coletânea organizada por Cunha (2018). Especificamente sobre o Brasil, ver Arruti (2006) e Gomes (2015).

conservação e seleção de sementes, deixando de lado o conhecimento prático desenvolvido na relação com animais de caça ou criação. A fonte histórica que o antropólogo utiliza em sua análise é o conhecido relato de viagem de John Stewart (1823), cujas observações centram-se na Jamaica colonial. O trecho de particular interesse para Sidney Mintz é o seguinte (Stewart 1823, p. 267 citado em Mintz, 1989 [1974], p. 187, grifos meus):

Adjoining to the [slave's] house is usually a small spot of ground, laid out into a sort of garden, and shaded by various fruit-trees. Here the family deposite their dead, to whose memory they invariably, if they can afford it, erect a rude tomb. Each slave has besides this spot, a piece of ground (about half an acre) allotted to him as a *provision-ground*.



**Imagem 7** – “Planta de uma plantation de índigo”. Ilustração do livro de M. de Beauvais-Raseau (1770, p. vi). Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France. Legenda (tal como consta na p. 113, grifos meus): a, Porteira ou entrada da Plantation;

b, *Senzala*; d, Curral de Bois e que serve também às Vacas; e, Hospital; f, Chiqueiro; g, Curral de Carneiros: onde há, no meio, uma pequena Casa para o Guardião; h, Curral de Bezerras: ao lado da pequena Casa do Guardião; j, *Casa Grande ou alojamento do Senhor*; l, Quatro Depósitos para servir a diferentes usos; m, Espaço de secagem do Índigo; n, Indigotaria de equipamento duplo, com um Moinho ao meio que serve dos dois lados; p, Divisão do Terreno plantado com Índigo; q, Pranchas ou Carreaux plantados de Índigo; r, *Terrenos de Provisão dos Negros, ou Terreno em que os Negros cultivavam para sua alimentação*; s, roça de legumes; t, Terrenos de Provisão da Casa grande, ou Terreno de cultivo para as necessidades do Senhor e do Hospital; u, Bananeira ou Terreno plantado com Bananeiras, *fig. 3*; x, Bosque ou Terreno sem cultivo; y, Mandioca, planta cuja raiz amassada ou ralada e seca, se come em farinha ou biscoito, denominado *Cassava*; z, Cercas vivas ou entorno da Plantation; na parte interna se fazem fossos pelos quais correm as águas do rio e outros; Z, Fosso da Plantation. A planta é acompanhada por ilustrações de três alimentos principais das colônias: mandioca, painço e banana.

Nesses *terrenos de provisão*, pessoas escravizadas cultivavam tubérculos, banana, frutas e pimentas e o excedente era destinado às trocas locais e à venda nos mercados, o que lhes garantia o acesso ao pecúlio, particularmente no caso das mulheres escravas<sup>14</sup>. Mas nesses espaços ou próximo a eles, conviviam também animais, como porcos e aves. O mesmo John Stewart (1823) afirma o seguinte, continuando seu relato sobre os terrenos de provisão na Jamaica (p. 267, citado em Minz, 1989 [1974], p. 187, grifos meus):

This is the principal means of [slave's] support; and so productive is the soil, where it is good and the seasons regular, that this plot will not only furnish him with sufficient food for his own consumption, but an over-plus to carry to market. By means of this ground, as of the *hogs and poultry* which he may raise (*most of which he sells*), an industrious negro may not only support himself comfortably but save something<sup>15</sup>.

Outras espécies, observa Stewart, eram proibidas às pessoas submetidas à escravidão, como cavalos, vacas, ovelhas e, na maioria das fazendas, também cabras. O que se explica, possivelmente, tanto pelo valor elevado que possuíam, estando

<sup>14</sup> Especificamente para São Domingos francês, Moreau de St-Méry (1875 [1796], p. 84) fala em uma média de 15 mil negros (o gênero não é marcado) que iam ao Mercado de Clugny, no centro do Cabo Francês, aos domingos, para comprar ou vender produtos diversos, alguns dos quais vinham de seus próprios roçados.

<sup>15</sup> Ver ainda, particularmente, o capítulo 5 do relato do viajante (Stewart, 1823), sessão dedicada aos animais selvagens. Como afirma o autor: “Hunting the wild boar was a favourite diversion both of the hardy active white creole of the interior *and of the Maroons*” (p. 74, grifos meus).

restritos à propriedade dos senhores, quanto por exigirem mais espaço e mais cuidado. Aos porcos recaía, contudo, a proibição de andarem livres pelos terrenos, por exigência dos senhores. Porcos, assim como aves, eram parte integrante desses terrenos de provisão. Assim, é notável que, por todo Caribe, como afirma Sidney Mintz (1989), histórias sociais comuns produziram inúmeras similaridades entre os campesinatos nascentes, e, numa diversidade de tradições e influências culturais, “originadas, em larga medida, de uma história comum de escravidão e trabalho forçado, de dominação do sistema de plantation e de uma pequena variedade de alternativas econômicas disponíveis àqueles que resistiam a esse sistema através do estabelecimento de formas de vida externas a ele” (p. 225). Argumento aqui, acrescentando algo específico às teses de Mintz, que os animais foram cruciais para essas novas formas de vida. Em um contexto em que a propriedade era algo extremamente racializado e a mobilidade social era restrita, pessoas que viviam sob o peso do cativo tinham a experiência, mesmo que reduzida, de formas de autonomia, rememorando noções de liberdade e dignidade que não se perderam na travessia atlântica e forjando, ao lado de outras espécies, novas expectativas, ambientes e possibilidades de vida<sup>16</sup>.

É nesse ponto que a “brecha camponesa” possibilitou o surgimento de novos mundos a partir das práticas, subjetividades e técnicas desenvolvidas na relação com a terra, com os terrenos de provisão, com as plantas e com os animais de caça e criação, particularmente os porcos. “Furthermore”, nota Trouillot (1990, p. 39),

as the richer planters became increasingly involved in sugar, and as the coffee revolution absorbed both those whites with more limited resources and those

---

<sup>16</sup> A pesca era outra atividade que operava na articulação de uma existência fora da coerção da plantation. Segundo Richard Price (1966), “fishing served a function analogous to trades and to subsistence plots as a ‘way out’ of the fearfully oppressive plantation system. (...) As soon as economic pressures forced planters to teach slaves skills, or to allow them to develop skills on their own, the slaves had room to maneuver economically, and their preparation for freedom was well under way” (p. 1378). Nesse sentido, como a historiografia atlântica contemporânea tem mostrado, a formulação de ideias e ideais modernos de liberdade e direitos se deve não só a pensadores europeus, mas também a sujeitos coloniais, sejam eles lideranças políticas ou atores subalternos. Sobre isso, Frederick Cooper (2005) observa, “The ascension of a liberal idea of a rights-bearing individual over the equally liberal idea of rights as earned by the civilized behavior of a collectivity reflected the labors not only of a Toussaint L’Ouverture or a Frederick Douglass, but of unnamed ex-slaves, dependent laborers, and colonized peasants who revealed the limits of colonial power and defined alternative modes of living and working in the crevices of authority” (p. 21). Sobre esse tema, ver também Ciro Flamarion Cardoso (1987), Flávio Gomes (2013) e Scott & Zeuske (2002).

free blacks who had hitherto engaged in foodstuff production, ever larger segments of the growing population came to depend on the agricultural and craft products of slave families.

Com o início das revoltas no norte do país, “escravos rebeldes não pediam o fim da escravidão, mas apenas dias adicionais para cultivar seus roçados” (idem). Desse conjunto de eventos que, ao se espalharem pelo país, viriam a culminar no que hoje conhecemos como Revolução Haitiana, a relação com os porcos foi crucial desde o início desta empreitada. Organizada nos arredores da cidade de Cabo Haitiano, entre meados e finais de agosto de 1791, a cerimônia de *Bwa Kayman* é tida por tradições historiográficas populares e acadêmicas como um evento que prefigura a Revolução Haitiana (Fick, 1990; Dubois, 2004, pp. 99-102; Bulamah, 2018).

Nessa cerimônia (*seremoni*), como é popularmente conhecida, foi selada uma grande aliança envolvendo africanos escravizados e seus descendentes, libertos (*affranchis*) e “pessoas livres de cor” (*gens de couleur*), que sacrificaram um porco em um serviço aos espíritos (*lwa*), trazidos ao Haiti por ancestrais africanos. Para Maurice Etienne, um importante interlocutor durante meu trabalho de campo no norte do Haiti, aquele foi um momento de “sensibilização” dos escravos africanos, uma “tomada de consciência” sobre a escravidão e a possibilidade de revolta: “e para terem a coragem necessária, eles sacrificaram um porco e acreditavam que se bebessem o sangue, o porco os tornaria invulneráveis”<sup>17</sup>. Com esse sacrifício, conseguiu-se a força necessária para levar à frente as revoltas contra a escravidão e a plantation, revertendo a ordem colonial atlântica de modo incontornável e garantindo o caminho para a independência do país em 1º de janeiro de 1804.

---

<sup>17</sup> *E pou yo te gen kouraj pou yo te fè sa, yo te sakrifye, yo te touye yon kochon e yo panse ke si yo bwe san kochon sa a, kochon sa a tap pran yo anvinerab.*



**Imagem 1** – “Celebração de 200 anos do Bois-Caïman, 1791-1991”, Jean-Baptiste Jean, 1993. Coleção do autor.

Na imagem acima, o pintor Jean-Baptiste Jean reproduz a celebração de 200 anos de *Bwa Kayman*: um porco aparece sacrificado em uma grande cerimônia, embalada por três tambores, um homem soprando uma concha (instrumento-símbolo do chamados coletivos para as revoltas), além de danças e lenços que, quando amarrados nas cabeças ou na cintura, revelam a presença de espíritos. Bandeiras com as cores do país aparecem nas mãos de alguns presentes e uma bacia de sangue está disposta ao chão, replicando a narrativa consagrada sobre a cerimônia. No centro da pintura, aparece uma reprodução da cena original numa curiosa *mise en abîme*. Nesse ritual que fez nascer um país independente, os porcos outrora *marrons* se tornaram crioulos (*kreyòl*), termo que definia a culinária, a língua e a sociedade nascente.

## Considerações finais

A colonização foi, em si, um empreendimento visceralmente atrelado a um conjunto amplo de espécies, entre animais, plantas e fungos. Se a caça a animais selvagens ou

ferais e as criações tiveram um papel importante na formação de novos territórios por piratas e colonos, a sociedade colonial dependia do controle da vida de espécies animais para a alimentação e o transporte, além de fungos para a produção de álcool e de açúcar. Por outro lado, africanos e seus descendentes escravizados ou fugidos interagiam com animais dentro e fora da plantation, seja nos terrenos de provisão ou nos quilombos, produzindo formas de associação que definiram seus territórios, suas aspirações e suas vidas. Os porcos, com suas intencionalidades e projetos, tiveram um papel crucial tanto na gênese das formas de vida camponesas como na manutenção de certa autonomia, entendida não só como dimensão sociológica do campesinato enquanto classe, mas também como um valor moral fundamental na vida e no mundo desse “campesinato reconstituído”.

Quase dois séculos depois, em finais da década de 1970, sanitaristas, veterinários e outros especialistas do México, do Canadá e sobretudo dos Estados Unidos desembarcaram na ilha de Espanhola com o objetivo de exterminar a população local de porcos, denominados *crioulos*, controlando, assim, a possível difusão de uma doença suína de origem africana pelo continente americano. Em poucos anos, a população animal foi reduzida a quase zero, com alguns animais ainda fugidos ou intencionalmente escondidos por camponeses. Aquele episódio foi o início da “morte do próprio país”, como me disse um velho camponês haitiano numa conversa no pátio de sua casa, não muito longe de onde eu vivia. Hoje, os porcos crioulos já não existem mais. Eles são o espectro de uma presença passada e revelam a nostalgia dos dias em que interações diversas entre humanos e animais garantiam uma vida de afluência e autonomia. Espécies companheiras que fizeram ruir todo um mundo construído ao longo de séculos. Mas isso é o assunto de uma outra história.

## Referências

ALVES, A. A. **The animals of Spain: an introduction to imperial perceptions and human interaction with other animals, 1492-1826.** Boston: Brill, 2011.

ANDERSON, V. **Creatures of empire: how domestic animals transformed early America.** Oxford: Oxford University Press.

ANDREWS, K. R. **The Spanish Caribbean: trade and plunder, 1530-1630.** New Haven: Yale University Press, 1978.

- ARRUTI, J. M. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.
- BEAUVAIS-RASEAU, M. **L'art de l'indigotier**. Paris: Saillant et Nyon, 1770.
- BERLIN, I. **Many thousands gone. The first two centuries of slavery in North America**. Cambridge: Belknap Press, 1998.
- BUCK-MORSS, S. Hegel e Haiti. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 90, p. 131–171, 2011.
- CARDOSO, C. F. S. **Escravo ou camponês?: o protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **Cultura com aspas**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2014.
- CÉSAIRE, A. **La tragédie du roi Christophe**. Paris: Presence Africaine, 2000.
- CHALHOUB, S. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2011.
- COOPER, F. **Colonialism in question: theory, knowledge, history**. Berkeley: University of California Press, 2005.
- \_\_\_\_\_.; HOLT, T. C.; SCOTT, R. J. **Beyond slavery: explorations of race, labor, and citizenship in postemancipation societies**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.
- CROSBY, A. W. **The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492**. Westport: Greenwood Pub. Co., 1972.
- \_\_\_\_\_. **Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900-1900**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- CRUBLIER DE SAINT-CYRAN, P.-E. **Réfutation du projet des amis des noirs, sur la suppression de la traite des nègres et sur l'abolition de l'esclavage dans nos colonies**. Paris: Imprimerie de Devaux, 1790.
- CUNHA, O. G. DA (Ed.). **Maroon Cosmopolitics: Personhood, Creativity and Incorporation**. Leiden: Brill, 2018.

- CURTIN, P. D. **The rise and fall of the plantation complex: essays in Atlantic history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- DERBY, L. Bringing the Animals Back in: Writing Quadrupeds into the Environmental History of Latin America and the Caribbean. **History Compass**, v. 9, n. 8, p. 602–621, ago. 2011.
- DONKIN, R. A. **The peccary: with observations on the introduction of pigs to the New World.** Philadelphia: The American philosophical Society, 1985.
- FEW, M.; TORTORICI, Z. (EDS.). **Centering animals in Latin American history.** Durham: Duke University Press, 2013.
- FOUCHARD, J. **Les Marrons de la liberté.** Porto-Príncipe: Editions Henri Deschamps, 1988.
- GIUSTI-CORDERO, J. Beyond sugar revolutions: rethinking the Spanish Caribbean in the seventeenth and eighteenth century. In: KHAN, A.; BACA, G.; PALMIÉ, S. (Eds.). **Empirical Futures: Anthropologists and Historians Engage the Work of Sidney W. Mintz.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009. p. 58–83.
- GOMES, F. De las formas y de las experiencias campesinas de la esclavitud: campesinos negros en Río de Janeiro, 1840-189. **Andes**, v. 24, n. 1, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- JOHNSON, S. E. **The fear of French negroes: transcolonial collaboration in the revolutionary Americas.** Berkeley: University of California Press, 2012.
- LABAT, J.-B. **Nouveau voyage aux isles de l'Amérique.** Haia: P. Husson editeur, 1724.
- LAS CASAS, B. DE. **História de las Indias. 2 vols.** Madri: Biblioteca de Autores Españoles, 1957.
- LECOMTE, J. **L'Île de la Tortue: roman maritime, vol. 1 - Histoire des flibustiers.** Paris: Hyppolite Souverain, 1837.
- LEPKOWSKI, T. **Haiti.** La Habana: Casa de las Américas, 1970.

- LÉVI-STRAUSS, C. A lição de sabedoria das vacas loucas. **Novos Estudos**, v. 70, p. 79–84, 2004.
- METCALF, A. C. **Go-betweens and the Colonization of Brazil, 1500–1600**. Austin: University of Texas Press, 2005.
- MINTZ, S. W. From Plantations to Peasantries in the Caribbean. In: MINTZ, S. W.; PRICE, S. (Eds.). **Caribbean Countours**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985. p. 127–153.
- \_\_\_\_\_. **Caribbean transformations**. New York: Columbia University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Rev. bras. Ci. Soc. Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, 2001.
- \_\_\_\_\_. Era o escravo de plantation um proletário? In: DABAT, C. (Ed.). **O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003a. p. 117–146.
- \_\_\_\_\_. Aturando substâncias duradouras, testando teorias desafiadoras: a região do Caribe como oikoumenê. In: DABAT, C. (Ed.). **O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003b. p. 49–88.
- MOYA PONS, F. **Historia colonial de Santo Domingo**. Santiago, RD: Universidad Católica Madre y Maestra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **History of the Caribbean: plantations, trade, and war in the Atlantic world**. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2007.
- NORTON, M. Animals in Spain and Spanish Americas. In: MILLS, K.; LEVY, E. (Eds.). **Lexikon of the Hispanic Baroque: Transatlantic Exchange and Transformation**. Austin: University of Texas Press, 2014.
- OEXMELÍN, A. **Les Aventuriers et les Boucaniers d'Amérique, par Alexandre Oexmelín, chirurgien des aventuriers de 1666 à 1672**. Paris: Aux Editions du Carrefour, 1930.

- PEÑA BATLLE, M. A. **La Isla de la Tortuga: plaza de armas, refugio y seminario de los enemigos de España en Indias**. Santo Domingo: Editora Taller, 1988.
- PRICE, R. Caribbean fishing and fishermen: a historical sketch. **American Anthropologist**, v. 68, n. 6, p. 1363–1383, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Maroon societies: rebel slave communities in the Americas**. Baltimore; London: the Johns Hopkins University Press, 1979.
- RAYNAL, G.-T. **Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes**. Tomo 3. Amsterdam: s.n., 1770. v. A
- SAHLINS, M. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- SALA-MOLINS, L. **Les misères des Lumières: sous la raison, l'outrage**. Paris: Homnisphères, 2008.
- SCOTT, R.; HÉBRARD, J. **Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- \_\_\_\_\_.; ZEUSKE, M. Property in Writing, Property on the Ground: Pigs, Horses, Land, and Citizenship in the Aftermath of Slavery, Cuba, 1880–1909. **Comparative Studies in Society and History**, v. 44, n. 04, 2002.
- SLENES, R. W. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava : Brasil sudeste, século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011 [1990].
- STEWART, J. **View of the past and present state of the Island of Jamaica with remarks of the moral and physical conditions of the slaves, and on the abolition of slavery in the colonies**. Edinburgh: Oliver & Boid, Tweeddale-House, 1823.
- TARDIEU, J.-P. Cimarrón-Maroon-Marron: note épistemologique. **Outres-mers**, v. 93, n. 350–351, p. 237–247, 2006.
- TOMICH, D. “Une petite Guinée”: provision ground and plantation in Martinique, 1830-1848. In: BERLIN, I.; MORGAN, P. (Eds.). **Cultivation and culture: labor and the shaping of slave life in the Americas**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1993. p. 221–242.

TROUILLOT, M.-R. Coffee planters and coffee slaves in the Antilles: the impact of a secondary crop. In: BERLIN, I.; MORGAN, P. (Eds.). **Cultivation and culture: labor and the shaping of slave life in the Americas**. Charlottesville; London: University Press of Virginia, 1993.

TSING, A. L. **Mushroom at the End of the World: On the Possibilities of Life in Capitalist Ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

VEGA, B. La Era Trujillo, 1930-1961. In: MOYA PONS, F. (Ed.). **História de la República Dominicana, vol. II**. Madri; Santo Domingo: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Academia Dominicana de la História; Ediciones Doce Calles, 2010. p. 445–503.